

## Artistic statement -Cristina Lisot

Cristina trabalha de modo transversal nas artes do espetáculo, visuais e ciências do corpo, dando as mãos a saberes, entre os campos, experimentando vocabulários.

Conheçe o cheiro das costuras.

Nasceu em meio a mais de cem máquinas de justapor tecidos. É filha de um alfaiate/empresário e de uma professora de artes. Tesouras, agulhas longas para tecer, curtas e afiadas para furar, cola, tintas, tecidos, fitas, jardim, balanço e casa própria formaram o pavimento onde sempre busca impulso.

Tricota. Costura. Desfia e fia. Borda um pouco. Se move. Espia. Investiga. Fareja. As flores que nascem por aí sempre foram anzóis para sua atenção.

Faz voltas no suporte para deixar sair palavras que não sabe dizer. Aquelas que são como espumas, que estão escondidas e explícitas, ao mesmo tempo.

Desfaz as voltas de si mesma.

Um esforço para clarear e desenrolar suas reflexões acerca do que é, de fato para ela, o corpo humano e o movimento. Local onde tudo começa e termina, onde início e fim formam o círculo, ciclo, cilindro.

Os mundos entre vida e morte. Acima e abaixo da terra. Dentro e fora. Direito e avesso. O corpo, e sua sombra, arrematados pela pele. Essa incrível concretude de átomos que dança num compasso de reações complexas e cadenciadas, que é a encarnação de nós mesmos.

Movimento para encontrar poesia. Para suar alegria. Um suave romance com a vida.

Do macio e delicado ao que exige força física e certa potência para dobrar.

Do afeto à força.

Do bem pequeno, ao maior que o corpo. Sempre em relação.

O delicado papel antigo que já foi tatuado por furos anteriores, recebe camadas bordadas, e revela tantas outras.

Suportes e proporções explicitam que corpo, memória e movimento são aquele chão lá do início.

Cristina works transversally across the performing arts, visual arts, and body sciences, intertwining knowledge and experimenting with vocabularies in these fields. She is familiar with the scent of sewing...

Having been born amidst over a hundred fabric-stitching machines. Her parents, an entrepreneur tailor, and an art teacher, shaped her upbringing. Scissors, long weaving needles, short sharp ones for piercing, glue, paints, fabrics, ribbons, gardens, swings, and her very own dollhouse created the foundation from which she always seeks inspiration.

She knits. She sews. She unravels and spins. She embroiders a little. She moves. She observes. She investigates. She sniffs. The flowers that bloom around her have always been hooks for her attention.

She makes loops with the threads to release words she cannot articulate, those that are like foam, simultaneously hidden and explicit.

She unravels her twists, making an effort to clarify and untangle her reflections about what the human body and movement truly mean to her. It is the place where everything begins and ends, where the start and finish form the circle, the cycle, and the cylinder.

Worlds between life and death. Above and below the ground. Inside and outside. Right side and reverse. The body, and its shadow, embraced by the skin. This incredible concreteness of atoms dancing to the beat of complex and rhythmic reactions embodies our very existence.

Movement to find poetry. To sweat joy. A gentle romance with life.

From softness and delicacy to requiring physical strength and a certain power to bend.

From affection to force.

From the very small to larger than the body. Always in relation.

The delicate old paper, once tattooed with previous punctures, receives embroidered layers, revealing countless others.

Media and proportions highlight that the body, memory, and movement are that ground from the beginning with the fabrics, ribbons, gardens, and swings.